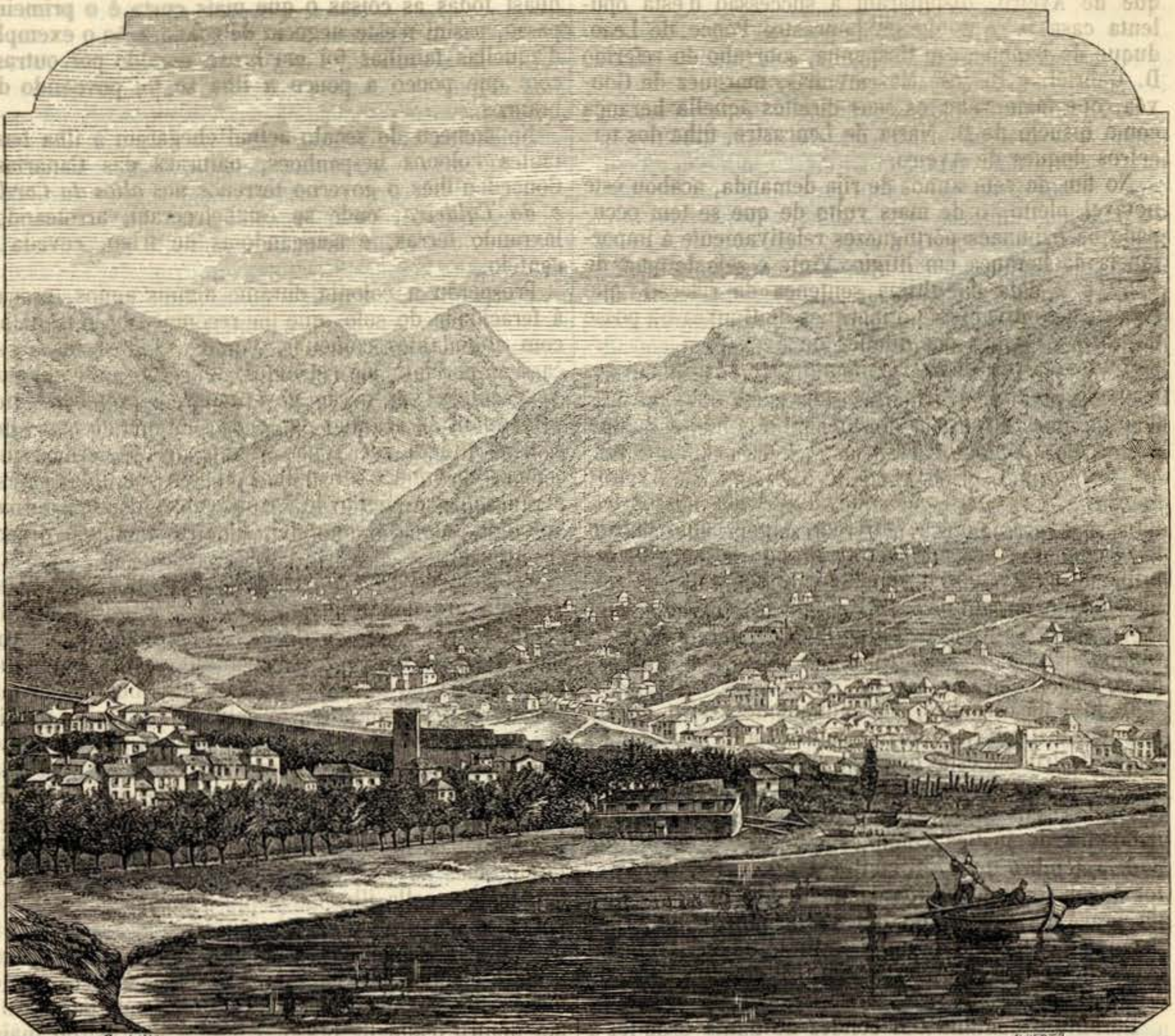


Villa de Machico

A VILLA DE MACHICO E A CAPELLA DE MACHIM

A villa de Machico é a mais antiga povoação da ilha da Madeira, e foi a primeira capital d'esta. É actualmente cabeça de concelho e de julgado. Assenta em amenissimo valle, com sua ribeira a meio, a qual divide a villa em dois bairros: o antigo a léste, chamado a *Banda-d'além*, e o novo a oeste, a que dão o nome de *Villa* por antonomasia, pois que é a parte mais importante de Machico.

A capella de Machim fica na Banda-d'além, á margem da ribeira, cujas aguas quasi lhe beijam o sopé. Foi ha pouco reconstruida, e ainda está em obras, mas conserva o molde e architectura da primitiva, excepto na janella da fachada, que agora é circular, e d'antes era como as lateraes que na estampa se vêem.

O archivo do municipio de Machico é o mais antigo e rico da ilha em diplomas valiosos para a historia não só d'ella, mas tambem do nosso ultramar. Desencaminhou-se, porém, o primeiro livro, e dos outros apenas se tem extrahido uma ou outra certidão para questões forenses. Para estudos historicos bem póde dizer-se intacto este archivo.

Ainda assim, o municipio de Machico é dos poucos que tem os seus *Annaes* escriptos e publicados. Compilou-lh'os o cuidadoso ex-escrivão da respectiva camara, o sr. José Antonio de Almada, e estão impressos em folhetins da *Flor do Oceano*, periodico do Funchal. São obra unica do assumpto, que provavelmente virá a perder-se n'essas folhas dispersas da sibylla moderna — a imprensa jornalistica.

D'esses *Annaes* se vê que não ha diploma, nem registo ou nota no archivo do municipio de Machico, que falle ou alluda a Machim. Mas o primeiro livro perdido diria alguma coisa?

O certo é que a capella lá está. A architectura manuelina dá-lhe fóros de antiga. A tradição é constante. A denominação da villa confirma a tradição. Com esta combina o sitio da capella. E até me affirmaram, quando ultimamente a fui ver para escrever esta succinta noticia, que em 1815, por occasião de ser reparada a capella-mór, se achou a cruz da sepultura de Machim, e o tronco do cedro indigena, testimunha e monumento dos lastimosos amores e fim do infeliz e sua amante, Anna de Arfet. A cruz, ou outra feita do tronco achado, existe.

O caso de Machim é a mais poetica das tradições madeirenses. A historia nega-lhe authenticidade? Bem se importam o povo e os poetas com os escrupulos dos *sabios*. Na dúvida, no quasi sonho, está o que mais os captiva e enleva. E quantas vezes a pertinacia da tradição não tem sido o unico testimunho da verdade esquecida? Quantas vezes o sonho do poeta não tem sido a resurreição da verdade passada e a revelação da verdade futura?

Funchal, 1866.

A. Azevedo.

MEYERBEER E O SEU TEMPO

(Vid. pag. 335)

III

Meyerbeer deixou a Allemanha e a Italia, e veiu a Paris.

É geralmente sabida a influencia que teve no seu animo a nova eschola franceza do drama lyrico, que foi para elle uma completa revelação, e lhe deu finalmente a chave do seu genio, do qual se tornou então evidente que até esse tempo não era senhor absoluto. Reunir na mesma opera a acção dramatica da eschola franceza, dar-lhe toda a expressão de que é susceptivel a musica, embellezal-a com as melodias encantadoras da eschola italiana, em que elle fôra eximio, e adornal-a com a poderosa instrumentação allemã, cujos effeitos prodigiosos tanto impressionam as turbas e tanto relêvo dão ás suas partituras, tal é a idéa de que Meyerbeer foi o sublime inaugurador. D'este pensamento nasceram as melhores composições do seu engenho, principalmente o *Propheta* e os *Huguenotes*.

Os seus personagens não representam no palco o papel commum dos heroes amantes e amados; significam idéas, symbolisam muitas vezes uma d'essas revoluções do mundo moral que a historia registou sob nomes diversos: a *edade média*, o *renascimento*, a *reforma*. O tenor das suas peças não é o namorado do costume, que no primeiro acto entôa a cavatina, no segundo canta a aria, no terceiro o duo com a *diva*, e no quarto é quasi sempre trahido ou assassinado, e faz por morrer com a graça do gladiador antigo, provocando as palmas e os bravos da platéa. O tenor de Meyerbeer é geralmente um personagem historico que o seu pensamento e a sua imaginação foram, á hora dos phantasmas, exhumar cuidadosamente das cryptas das cathedraes gothicas, como, por exemplo, João de Leyde, o *Propheta*, o chefe dos anabaptistas, o homem de uma seita, o caudilho de uma revolução.

Todos os seus personagens tem um caracter definido, claro. Foi elle quem creou a opera historica. Podêmos dizer que é o Shakespeare da musica. Poeta apaixonado e philosopho profundo, Meyerbeer canta a historia, nos limites da sua arte, como outros a escrevem, outros a pintam, outros a esculpturam. E nas suas melhores composições nota-se a firmeza de traços de um Tacito, o estilo grandioso de um Miguel Angelo, e a fidelidade e pureza de concepção de um Paulo Delaroche.

A grande arte de Cimarosa e de Mozart, passando pelas suas mãos, tornou-se dramatica e soube exprimir a um tempo, quanto lhe era permittido, os impulsos mais bellos do coração humano, a côr local e a fidelidade dos caracteres.

Rossini acompanhára de um modo deslumbrante esse notavel progresso da musica, escrevendo o seu *Guilherme Tell*. O amor paternal deu-lhe assumpto bastante para dramatisar com grande opulencia a musica do terceiro acto. O amor da patria, que, mórmente nos povos simples e pequenos, ciosos dos grandes imperios, é conjunctamente um sentimento e uma idéa, porque é, se posso dizer assim, a *paixão da nacionalidade*, inspirou-lhe o magestoso trio do segundo acto e os traços grandiosos com que, fiel á historia, á tradição e á natureza, desenhou o typo magnifico de Guilherme Tell. E a côr local foi elle buscal-a ao caracter pastoril helvetico, que tão admiravelmente sentiu e tão nobremente idealisou, como disse Jorge Sand.

«O musico, maior poeta do que todos nós, exclama essa escriptora celebre, a proposito dos *Huguenotes* [1]; em que desconhecido arcano da vossa alma, em que thesouro occulto da vossa intelligencia fostes buscar esses toques tão claros e tão puros, essa concepção simples como a antiguidade, verdadeira como a historia, lucida como a consciencia, forte como a fé? Vós, que outr'ora, de joelhos no recinto voluptuoso de S. Marcos, architectaveis com proporções mais amplas a vossa egreja siciliana, impregnando-vos do incenso catholico, á hora sombria em que se accendem os candelabros e fazem resplandecer as paredes de oiro e marmore, deixando-vos embeber e agitar pelas ternas e terriveis emoções da casa do Senhor; como é que entrando no templo de Luthero soubestes evocar a sua austera poesia e resuscitar os seus mortos heroicos? — Julgavamos que a vossa alma estava inquieta e timida, como a do Dante, quando, arrastado pelo seu genio ao inferno e ao ceo, se espanta ou se enternece a cada passo. Havieis soprendido os segredos dos coros invisiveis, quando, ao levantar da hostia, os anjos de mosaico do Ticiano agitam as suas grandes azas no fundo de oiro da abobada byzantina e pairam sobre o povo prostrado ante o altar. Tinheis rompido o silencio impenetravel dos tumulos, e ouvido sob as trementes lages das cathedraes o amargo queixume dos condemnados e as ameaças do anjo das trevas. Apercebestes no seu sentido profundo e na sua sublime tristeza todas essas escuras e estranhas allegorias. Entre o anjo e o demonio, entre o ceo e o inferno phantasticos da meia edade, vistes o homem em lucta comsigo mesmo, dividido entre o espirito e a carne, arrastado para as trevas do embrutecimento, mas protegido pela intelligencia vivificante e salvo pela esperança divina. Pintastes essas luctas, esses sustos e soffrimentos, essas promessas e enthusiasmos, com traços graves e tocantes, conservando os poeticos symbolos de que estavam revestidos. Soubestes commover-nos e perturbar-nos com personagens chimericos e lances impossiveis. É porque o coração do homem pulsa no coração do artista, e tem em si, vivas e ardentes, todas as impressões da vida real; é porque a verdadeira arte não faz coisa alguma insignificante, e porque a philosophia mais sã e as mais suaves sympathias humanas presidem sempre aos mais brilhantes caprichos do genio.»

Adolpho Nourrit e mad. Viardot foram dos principaes cantores das suas operas. Não é talvez destituida de todo o interesse a breve noticia que vamos dar d'esses dois artistas celebres, a um dos quaes se deve o brilhante quarto acto do *Propheta*, a que serve de introducção a primorosa marcha da coroação na cathedral de Munster, que o maestro nos ultimos ensaios queria rasgar por causa da evidente impossibilidade da musica ir de par com os violentos transportes dramaticos da scena da fascinação.

Nourrit era o cantor francez por excellencia: cantor e ao mesmo tempo actor; artista querido de um povo para o qual não bastam só as emoções da musica, e que exige tambem n'uma opera o interesse da acção e o apparato das vistas e dos vestuarios. Ao inverso do cantor italiano, que sacrifica todos os seus recursos a um momento dado, e que, por vezes, durante o correr do espectaculo, está poupando as suas forças para desempenhar com perfeição a aria ou a *romanza* mais formosa da peça, Nourrit applicava egualmente as suas faculdades á execução de todas as partes do seu papel, e sustentava em todas as situações o caracter do personagem que representava. *Roberto do Diabo* foi o seu mais bello triumpho. Para isto concorria muito a sua estatura, a sua voz energica, o seu grande enthusiasmo. Só elle venceu cabalmente a immensa difficuldade de representar bem n'essa peça a um tempo opera, tragedia e drama; elle só comprehendeu esse personagem doloroso e atormentado, no qual o actor e o cantor estão em lucta continua, lucta mui similhante á do anjo e do demonio, que

[1] *Lettres d'un voyageur*. — A Giacommo Meyerbeer, pag. 318.

constitue o fundo do caracter de *Roberto*. Meyerbeer e Nourrit comprehendiam-se maravilhosamente e formaram uma alliança fecunda, de que resultaram os espectaculos brilhantes do *Roberto* e dos *Huguenotes* [1].

Mad. Viardot, sendo uma excellente cantora, era tambem uma grande actriz. Foi ella quem creou o typo de Fidés, no *Propheta*, gloria que estava destinada á Stoltz, e que a morte lhe roubou.

E de tal modo se houve a Viardot na creação d'essa *mater dolorosa* do lyrismo moderno, que até hoje nenhuma outra cantora a póde fazer esquecer!

Ainda este anno, por occasião de se cantar em Londres o *Propheta*, uma excellente folha litteraria d'aquella cidade a este proposito se expressou assim:

«Como ousámos predizer por occasião do apparecimento do *Propheta* (e, podémol-o dizer agora, não sem uma demonstração directa da parte de Meyerbeer contra esta prophecia), aquella opera não corre parelhas com a dos *Huguenotes*, apesar da pomposa e complicada scena da cathedral, a que serve de abertura a marcha da coroação, apesar da revolta subjugada que fecha o terceiro acto, e apesar da refinada delicadeza da sua musica da dança, a melhor de Meyerbeer.

«......O grande lance da opera — a scena da fascinação na cathedral — depende todo da acção dramatica, visto como não cabe nos poderes da musica ir de par com as exigencias de uma situação tão singular, tão demasiadamente subtil e tão melodramatica. O proprio Meyerbeer tinha consciencia d'isto mesmo, e tanto que elle nos ultimos ensaios concebeu o pensamento de a cortar, e foi dissuadido d'este proposito pela admiravel ingenuidade e originalidade *(invention)* de mad. Viardot [2].»

(Continúa) ALBERTO TELLES.

A MENDICIDADE

Chama-se mendigo ao homem que estende a mão, ao que solicita como donativo o que não lhe é devido como salario.

Esta especie, que vive á custa d'aquelles que importuna, é para a sociedade o que o verme é para o individuo. Infesta as cidades, devasta os campos na provincia onde, depois de ter desapparecido por algum tempo, se manifesta mais numeroso que nunca.

E não deve sorprender isto. A mendicidade é como planta parasita, que lança de si novas raizes e se multiplica logo que nos descuidámos por um instante de destruil-a.

Os mendigos operam com certa habilidade. Nas cidades, dividem entre si os postos pelos bairros e freguezias; embuscados como as aranhas, esperam que a presa se lhes enrede nas teias, ora á porta da casa de jogo, ora á porta da egreja, ora á porta do theatro.

O mendigo especula menos sobre o numero dos transeuntes do que sobre as suas disposições. Está, por isso, convencido de que tem mais a ganhar á porta de um logar de divertimento que á porta de um logar de oração. A sensibilidade e a liberalidade nem sempre marcham juntas com a devoção. Mais de um santo varão julga que tem satisfeito a caridade respondendo séccamente: — *Deus o favoreça*, ou *Tenha paciencia, irmão!*

O homem dado aos prazeres é talvez mais susceptivel de piedade. Concedamos que não seja caridoso por principio; é-o, quando menos, por sentimento; e esta fonte, acaso menos pura que a outra, é muitas vezes mais copiosa. O aspecto da miseria sensibilisará sempre uma alma que só procura sensações agradaveis. Para fazer cessar o proprio mal, apressa-se em diminuir o mal de outrem.

Na Inglaterra é capturado qualquer homem que mendiga, e é porque alli não conhecem o termo médio entre ganhar e roubar. Encontram-se em Londres, a pouca distancia uns dos outros, homens que estendem o chapeo aos transeuntes; mas vêem-se armados de uma vassoira com que tem limpado o caminho. Não é já esmola o que pedem, mas uma gratificação, um salario, o preço do serviço que prestaram.

A força e a intelligencia do individuo são valores que a sociedade interessa em não deixar perder, e que terá sempre occasião de empregar. Dar trabalho é trocar pão por serviços; é comprar, é vender, é ganhar.

O principio da verdadeira philanthropia é, portanto, destruir a ociosidade.

Os legisladores de todos os tempos conheceram a necessidade de tratar dos mendigos. No Egypto, diz Herodoto, não se toleravam os ociosos nem os vagabundos. Os habitantes de todas as comarcas eram obrigados, por lei de Amasis, a comparecer ante os juizes a fim de declararem os meios de subsistencia. Os que fossem convencidos de ociosidade eram punidos como individuos não só inuteis, mas prejudiciaes. Era justo, porque só se estimavam os que ganhavam a vida trabalhando, e o indigente não encontrava nunca falta de trabalho.

Foi com as mãos dos miseraveis que se construiram as famosas pyramides; e essas massas gigantes representam-se-nos realmente uteis, quando pensâmos que se levantaram antes para acudir ás necessidades do povo que para satisfazer o orgulho dos principes. Confessemos, todavia, que os canaes que recebem e distribuem as aguas do Nilo, e que foram tambem abertos pelos indigentes, são monumentos ainda mais admiraveis, porque eram então duplicadamente uteis.

Lycurgo, destruindo a opulencia de Sparta, destruiu a miseria. Os homens inuteis não podiam existir em um estado onde as leis condemnavam á morte as crianças desfiguradas.

Entre os romanos, os mendigos capturados em flagrante eram levados perante o censor, que os condemnava ao trabalho das minas.

Mais previdente era, de certo, uma instituição que, segundo consta, existiu na Hollanda. O mendigo alli era lançado em um fosso onde a agua entrava por modo que podia afogal-o, se, para se livrar d'este perigo, não pozesse uma bomba em actividade contínua. Era engenhoso este castigo, porque ao mesmo tempo servia para demonstrar ao homem inimigo do trabalho que só o trabalho podia salvar.

A mendicidade reappareceu com o christianismo. Não é, todavia, a consequencia do Evangelho, mas do modo como são cumpridos os preceitos do Evangelho. As esmolas que se fazem sem criterio, em vez de soccorrerem a miseria, alimentam a ociosidade. E tal não podia ser a intenção do Divino Legislador.

Um preceito mal ideado contribuiu para desenvolver a mendicidade entre os christãos. Julgou-se que rezar era trabalhar, e, por consequencia, mendigou-se para tornar mais extensa a oração, e assim se dispendeu o tempo que devia ser empregado no trabalho. É porque estes pobres homens não sabiam, ou não queriam que se acreditasse, que trabalhar era rezar.

Assim o pensou S. Bruno. Pelo seu instituto, que reunia a vida activa á vida contemplativa, os cartuxos eram menos uteis ao mundo separando-se inteiramente d'elle; por isso fecundavam os desertos que habitavam, e a sua penitencia desenvolvia as conquistas da agricultura.

S. Francisco de Assis procedeu de outro modo. Este bom varão adoptou a pobreza para ganhar a santidade. Ordenou aos discipulos que vivessem das esmolas dos devotos, e por isso tornou-os não só inuteis, mas pesados no mundo. No fim de tempos vieram até a per-

1 *Musiciens contemporains*, por H. Blaze de Bury, pag. 223.
2 *The Athenæum*, 15 de abril de 1865.

der as virtudes que o fundador quizera dar-lhes; enriquecidos pelo voto de pobreza, chegaram a viver em abundancia escandalosissima. O pobre, para lhes arranjar o superfluo, tirava muitas vezes ao necessario, e dividia o fructo do trabalho assiduo com individuos que não trabalhavam coisa alguma. Pretendia-se, pois, que o fundador dos capuchinhos fosse ainda mais poderoso que o proprio Christo. «Se o filho de Deus, diziam, alimentou uma vez na vida cinco mil homens com dois pães e cinco peixes, o inventor da saccola tem alimentado, durante não sabemos quantos seculos, um numero incalculavel de milhares de homens com dois covados de burel.»

Quando a mendicidade tem sido honrada por tão santos varões, não devemos admirar-nos de que não pareça indigna aos olhos do vulgo. É por certo boa profissão para quem não tenha intelligencia, nem animo, nem vergonha.

Tal pedinte — é triste dizel-o — ganha mais apresentando a saccola, ou psalmodiando a *Ave-Maria* á porta das egrejas, ou na esquina das ruas, que o operario probo a trabalhar na sua officina.

Ha ainda quem se lembre em Lisboa de um pobre que percorria as ruas da baixa de loja em loja, e ao qual muitas vezes se ouvia dizer, que não recolhia a casa senão quando tinha *certa continha*. Se ás horas a que era costume ver-se o não encontrassem nos sitios determinados, era sabido que elle se recolhêra á possilga levando já ganho o dia.

Tem-se tambem visto miseraveis choramigadores recusarem o pão ou a comida que se lhes quer dar, sob pretexto de que já lhes mataram a fome; porém vão recebendo com avidez os cobres que lhes atiram. E por quê?

Pois não ouviram nunca que tal mendigo, que soube infundir compaixão em algum de nós com as suas lamurias, ou com a tristissima apparencia da sua miseria, amontoou *no pé da meia*, como diz o povo, e deixou á familia, sommas de que nos maravilhâmos?

Que serviço prestaria esse mendigo á sociedade que o enriqueceu?

Os mendigos seríam menos numerosos se a caridade se fizesse com prudencia. A esmola é, sem dúvida, obra meritoria, assim perante a divindade como perante a humanidade; mas, dando-se irreflectidamente, póde ter consequencias perniciosas, e alimentar os vicios em vez de minorar a miseria. Tem-se prégado milhares de occasiões ácerca da caridade, mas devia-se tambem pensar em prégar algumas vezes sobre o modo de pratical-a. Seria isso utilissimo.

Onde ha mendicidade ha má administração. Em uma sociedade bem governada não deve notar-se a indigencia. É uma ferida que se deve occultar com o apparelho que a cura. Invalido, o pobre deve encontrar um asilo; válido, deve encontrar trabalho.

Onde a mendicidade existir, as esmolas, os soccorros, não podem faltar; mas, para que aproveitem, é mister que sejam bem distribuidos. Dá-se isto em toda a parte onde o homem tenha mais interesse mendigando que trabalhando — é o effeito da esmola de individuo para individuo.

A sociedade não deve nada ao homem que nada faz, se elle tem occasião para fazer alguma coisa. B. A.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 323)

IX

A descoberta do novo caminho para as Indias Orientaes, o commercio activissimo dos portuguezes com essas regiões distantes, o estabelecimento permanente que lá tinham feito, e o predominio que exerciam em toda a costa indiana, e que lhes assegurava o monopolio commercial, haviam sobresaltado o sultão do Egypto e atemorisado a republica de Veneza. Effectivamente, a fonte principal da opulencia d'estes dois estados era exactamente esse monopolio de que os portuguezes se haviam apoderado. Já o sultão do Egypto reclamára, perante o papa Alexandre VI, ameaçando-o de destruir o Santo Sepulchro, se os nossos maiores continuassem no caminho que tinham encetado; estas queixas eram apoiadas em segredo pelo embaixador de Veneza. Batiam a má porta as duas potencias lesadas. Rodrigo Borgia não tinha uma só das virtudes do sacerdote nem do homem, mas tinha grandes qualidades de soberano, e entre outras a energia. As ameaças não o atemorisavam; em vez de se assustar com ellas, incitou el-rei de Portugal a que não largasse mão das suas emprezas.

Desenganados por esse lado, viram os interessados que só a força lhes podia valer. Não hesitaram em a empregar; o sultão do Egypto abertamente, Veneza em segredo auxiliando os musulmanos com munições de guerra, enviando-lhes habeis artilheiros e engenheiros, que ou os serviam dando-se como desertores, ou amestravam os seus soldados na tactica européa. Quando D. Lourenço de Almeida saía de Cochim, não prevendo a sorte que o esperava, partia do mar Roxo uma poderosa armada commandada por Mir-Hussein, e ia lançar ferro em Diu, cujo chefe, Melek-Iaz, lhe promettêra auxilio e gasalhado.

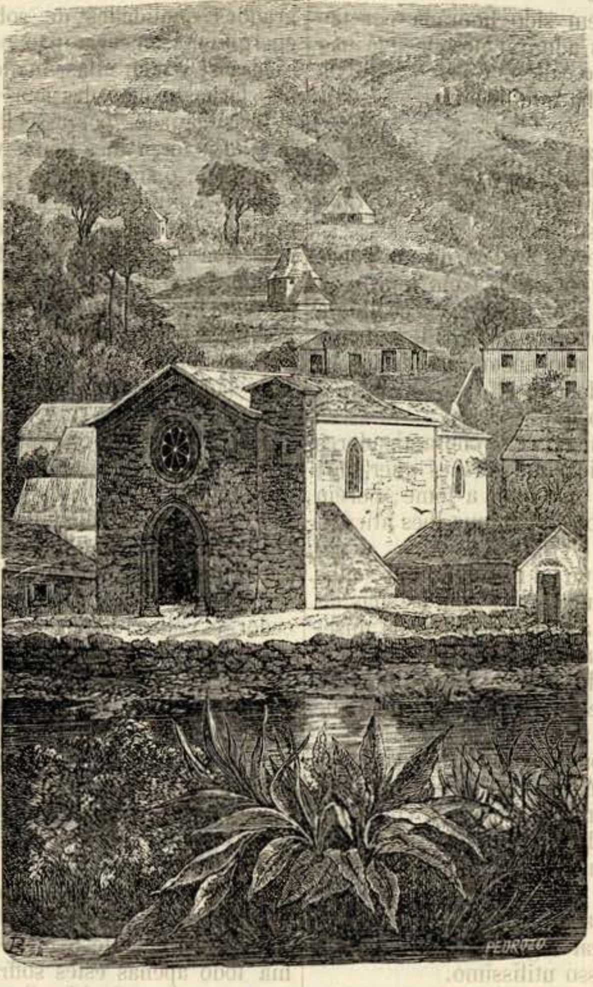
Este Melek-Iaz era um dos indios mais astutos que então dominavam nas costas do Malabar. Odiando egualmente os portuguezes e os rumes (como na India se chamava aos valentes janizaros do sultão do Egypto), formára o indiano o atrevido projecto de os destruir uns pelos outros, conservando-se neutral, mas de maneira que podesse cair nas boas graças do vencedor e colher tambem os fructos da victoria. A victoria previa elle que pertenceria aos portuguezes; reconhecia a superioridade dos soldados do sultão do Egypto sobre os indios indolentes e os moiros do Malabar, mas tinha ainda orgulho bastante para suppor que os heroes, diante de quem os seus compatriotas fugiam sempre, não se deixariam vencer facilmente pelos novos combatentes. Comtudo, por outro lado havia algumas probabilidades a favor d'estes; a sua bravura era incontestavel, a sua artilheria, servida por bombardeiros venezianos, rivalisava com a portugueza e era muito mais numerosa; o Malabar, que acceitava fremente o jugo dos christãos, sublevar-se-hia todo apenas estes soffressem o mais pequeno revez; só talvez Cochim lhes ficasse fiel, mas esse pequeno paiz seria esmagado pelos seus visinhos; o samori de Calicut preparava grandes armamentos para auxiliar Mir-Hussein. Decididamente, era necessario tomar cautela e tirar o maximo proveito do conflicto.

Em quanto se não accendia a guerra, ia elle auferindo grandes proventos da reunião em Diu tanto da esquadra de Mir-Hussein como dos navios mercantes que vinham buscar o auxilio e a escolta da armada. D. Lourenço estava n'essa occasião no porto de Chaul. Queria Mir-Hussein ir procural-o, mas Melek-Iaz preferia que o combate se travasse nas proximidades de Diu, porque assim melhor podia seguir as eventualidades da peleja e inclinar-se para o lado que mais lhe conviesse. Saíndo Mir-Hussein, teria o manhoso indio ou de o seguir ou de ficar. No primeiro caso, estava perdido se os portuguezes vencessem; no segundo caso, estava-o egualmente se fossem os rumes os vencedores.

Rendêra-se quasi Mir-Hussein aos seus conselhos, quando a chegada de um moiro, que, tendo sido maltratado pelos portuguezes, jurára vingar-se, veiu transtornar todo o seu projecto. O moiro conseguiu inflammar não só o vaidoso Mir-Hussein, mas até o proprio

astuto Melek-Iaz, no ardor que o animava. Representou a armada de D. Lourenço como fraca e desprevenida, e tanto fez, que Mir-Hussein saíu do porto, e Melek-Iaz, sempre mais cauteloso, prometteu seguil-o depois á testa de uma numerosa esquadrilha de fustas.

Ora D. Lourenço não estava desprevenido; avisára-o um brahmane da chegada da esquadra turca; mas os seus capitães tinham alcunhado de mentirosos taes avisos, e, apesar dos desejos de D. Lourenço, a armada conservára-se em Chaul. Os acontecimentos pareciam ter confirmado o parecer dos capitães; decorrêra muito tempo sem que houvesse novas de tal armada; portanto, não foi pequeno o seu espanto quando um bello dia viram apparecer, na barra do rio de Chaul, uma nau moirisca, logo outra e outra. Estavam os portuguezes já tão longe de pensar na esquadra de Mir-Hussein, que o tomaram primeiro por Affonso de Albuquerque, e esses navios por algumas prezas que elle tivesse feito. Enviou-se um ligeiro esquife para saber novas, mas as almadias que encontrou, ou por estarem feitas com os inimigos, ou porque effectivamente não soubessem quem elles eram, nada esclareceram. Entretanto, a armada fôra-se aproximando a ponto de já se descortinarem as bandeiras, e de se distinguir a meia lua mahometana em vez da cruz de Christo. Foi só então que os portuguezes saíram do descanço em que jaziam, descanço tal que alguns dos navios de menos lote, estando proximos de uma das margens que era alcantilada, tinham-se posto em communicação com a terra por meio de pranchas, e assim permaneciam desamparados pelas guarnições, que se tinham ido divertir!



Capella do Machim (Vid. pag. 353)

Este descuido foi a causa principal das desgraças que succederam, porque, se tivessem mandado espias a Diu, logo que receberam aviso, ainda mesmo que não quizessem sair do rio de Chaul, podiam ter defendido a entrada da barra e combatido com muito maior vantagem.

Em fim, já não havia remedio; os navios da esquadra de Mir-Hussein passaram, em seguida uns aos outros, por diante da armada de D. Lourenço, para irem surgir mais no interior do rio e mais proximos da cidade, que d'essa fórma contavam pôr do seu partido. Em quanto desfilavam trocaram alguns tiros de artilheria com os portuguezes, tendo, porém, sido infelizes n'esse bombardeamento, porque não só quasi todos os navios ficaram mais ou menos maltratados, mas até duas galés e uma nau vieram cair no meio da nossa armada e foram aprisionadas.

Como vêem, apesar de todos os descuidos e de todas as imprudencias, começava o combate com felizes presagios; mas logo a sizania, que foi sempre o nosso grande flagello nas coisas indianas, se introduziu entre os capitães e deu os seus fructos de maldição. Decidira-se que se tripulassem as duas galés tomadas aos turcos, porque tinham a sua artilheria e podiam ser muito uteis; mas, quando se tratou de nomear commandantes para esses navios, principiou a discussão, e tão accesa foi ella que terminou quasi em briga. Vergonhoso espectaculo que bastantes vezes se nos depara! estygma indelevel que bastantes vezes macúla a gloria dos nossos heroes! D'isto, sejamos imparciaes, não deixava de ser culpado o vice-rei, porque, nomeando seu filho para chefe de expedições importantes, ordenava-lhe que tudo decidisse de accordo com o seu conselho, e tirava d'essa fórma a força ao commando, abria campo á discordia, e impedia o chefe de interpor a sua auctoridade para terminar estas deploraveis luctas.

Tanto se prolongou a discussão, que teve de se adiar para o dia seguinte a continuação do combate, que os rumes não estavam muito dispostos a encetar. Elles esperavam Melek-Iaz, e o astuto indiano, que tencionava chegar quando tudo estivesse terminado, appareceu involuntariamente á entrada da barra quando a peleja ainda verdadeiramente não começára.

Outra imprudencia se commetteu: um bombardeiro allemão, que servia na esquadra portugueza, propoz a D. Lourenço ir n'uma das galés arrombar as naus dos moiros a tiro de canhão, e consentia que lhe cortassem as mãos se antes do meio dia não estivesse uma no fundo. Não era para desprezar a tentativa, porque o fleugmatico filho da Germania não fazia promessas ao de leve. Mas os portuguezes, inflammados no espirito de cavallaria, que ainda estonteava muitas cabeças exaltadas, e fazia a um tempo doidos e heroes, protestaram contra a idéa de serem simples espectadores da peleja, e instaram com D. Lourenço para que fosse abalroar a esquadra mahometana. Ah! como o vice-rei, o habil estrategico educado na eschola de Granada, morderia os labios raivoso ao saber que absurdas considerações tinham causado a morte de seu filho!

No dia seguinte poz-se a esquadra portugueza em marcha para ir abalroar os navios dos moiros; para a entrada da barra foram destacadas duas galés e uma caravela, a fim de obstarem á entrada de Melek-Iaz. O indio não estava resolvido a arriscar-se a combater; ficou, por conseguinte, de observação, mas, só pela sua presença, obrigou tres navios da pequena esquadra portugueza a não tomarem parte na peleja.

Entretanto, a nau de D. Lourenço subia o rio para ir abalroar a capitania dos turcos; mas, quando principiou a virar para esse fim, ficou de repente immovel. Inquirida a causa, soube-se que o contra-mestre,

ou por medo ou por outra qualquer razão desconhecida, lançára a ancora. Já a artilheria do inimigo começára a varejar a nau, e era impossivel deixar de se lhe responder. Ficou d'esta fórma frustrado o projecto de abalroamento. Desesperados, os portuguezes quizeram matar o contra-mestre, mas o homem, conscio do mal que fizera, deitára-se a nado e fugira para terra. Ainda assim não escapou ao seu destino, porque foi morto pelos indios.

A fatalidade parecia n'essa malfadada expedição perseguir as nossas armas; no barulho que este successo occasionára, esqueceu-se D. Lourenço de fazer signal aos outros navios para que continuassem a sua marcha; os capitães, vendo surgir a nau do filho do vice-rei, julgaram que o seu chefe mudára de proposito, e surgiram tambem. Era ou não a fatalidade? Estes homens, tão insubordinados, tão rebeldes ás ordens do seu commandante, mostraram-se timidos exactamente quando deviam tomar a iniciativa.

Assim a projectada abordagem transformou-se n'um combate de artilheria que durou até á noite. É verdade que n'esse combate aprisionámos duas galés ao inimigo, fizemos-lhe gravissimas avarias, e obrigámol-o a gastar quasi toda a sua polvora; mas as nossas avarias eram graves tambem, e a falta de polvora prejudicava-nos mais, porque não podiamos renovar a provisão, em quanto o inimigo tinha ao seu dispor a de Chaul e a da frota de Melek-Iaz, que obteve, como vamos ver.

N'essa noite expediu Mir-Hussein um mensageiro ao indio (que fizera uma tentativa *pro forma* para forçar a entrada, mas que, depois de ligeiro combate, se conservára ao largo) estranhando-lhe o seu procedimento, e convidando-o a entrar no porto, porque a frota portugueza estava quasi desbaratada. Melek-Iaz, apesar de astuto, caiu no laço, temeu ter-se pronunciado demasiadamente n'um sentido, e não quiz perder, por demasiada timidez, a sua parte nos despojos. N'essa mesma noite forçou a entrada do porto, depois de um combate em que as duas galés e a caravela portugueza combateram como desesperados, destroçando-lhe a terça parte da sua esquadra. Apenas se collocou ao lado de Mir-Hussein, percebeu o engano, viu que a frota portugueza estava bastante avariada, mas que a frota dos rumes ainda o estava mais. Mir-Hussein pediu-lhe polvora; o indio esbravejou contra elle, mas não teve remedio senão resignar-se. Já não havia meio de temporisar.

Entretanto, na esquadra portugueza decidíra-se fazer-se no dia seguinte o que se não podéra fazer n'esse; determinou D. Lourenço descer de novo o rio com a nau para tomar campo e voltar á abordagem. Assim fez, mal rompeu a aurora. Mas o destino não estava ainda aplacado, precisava da victima illustre; o navio avariado, descendo o rio, foi esbarrar n'uma estacada e tombou todo sobre ella; os outros navios continuaram a descer o rio, esperando que a capitania se desembaraçasse facilmente; quando viram que era mais serio o perigo quizeram vir soccorrel-a, mas a força da corrente não lh'o permittiu. Vendo isto, uma nau dos rumes e muitas fustas de Melek-Iaz vieram surgir junto do navio de D. Lourenço e começaram a bombardeal-o, avariando-o cada vez mais, e em tal destroço o pozeram que ousaram dar-lhe abordagem. Saíram-se mal do commettimento, porque foram repellidos com o valor habitual dos portuguezes, duplicado pelo desespero. Finalmente, uma bala do inimigo veiu realisar a grande catastrophe, quebrando ambas as pernas de D. Lourenço. A ferida fôra mortal, e o infeliz moço, o filho querido do vice-rei, o loiro e valente portuguez cuja formosura deslumbrava os orientaes e cuja bravura os aterrava, falleceu na aurora da vida, quando tudo lhe presagiava um esplendido porvir.

Morto D. Lourenço, pouco se protrahiu o combate; os portuguezes fiaram-se nas promessas de Melek-Iaz, que promettia dar-lhes honroso captiveiro, não os entregar aos rumes, e renderam-se a elle só. O indiano cumpriu escrupulosamente as suas promessas; habil e previdente, adivinhou que esta derrota dos portuguezes não era senão um desastre passageiro; apenas uma nau fôra tomada, e em troca d'essa victoria tinham perdido os vencedores cinco ou seis vasos, que os portuguezes, não podendo leval-os, incendiaram.

Os capitães dos outros navios, sabendo a fatal noticia, quizeram vingar o seu chefe, cuja perda deploravam com muitas lagrimas, depois de terem concorrido para ella; mas faltava-lhes polvora. Saíram, pois, a barra esperando encontrar alguns navios da esquadra de Affonso de Albuquerque, para voltarem depois a Chaul. Encontraram, effectivamente, os tres navios desertores que D. Francisco de Almeida lhes mandava de reforço. Apesar de ter principiado a invernia e de se verem obrigados a luctar com ventos contrarios, os portuguezes, furiosos, não quizeram perder a vingança. Voltaram a Chaul; mas o inimigo, temendo isso mesmo, assim que víra a barra desaffrontada, levantára ferro e dirigíra-se para Diu.

Restava-lhes o cumprirem uma dolorosa missão: informarem o vice-rei da morte de seu filho. Foi immensa a dor de D. Francisco, mas só se lhe conheceu a afflicção no desejo de vingança e na rapidez com que de um dia para o outro envelheceu. A noticia fatal recebêra-a elle de olhos enxutos e tranquillo como um heroe romano, mas o golpe fôra mortal, só o fazia viver a sêde da vingança; activava todos os preparativos da nova expedição com um ardor febril, mas o homem antigo morrêra; o seu espirito, nobre e sereno, azedou-se, tornou-se feroz, injusto, irritavel. As crueldades de Dabul e as luctas com Affonso de Albuquerque são a prova mais evidente da transfiguração que dizemos. O leão sacudia a juba enfurecido, mas não podia arrojar para longe de si a setta envenenada que se lhe cravára no amago do peito.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

AS CIDADES CHINEZAS

As cidades chinezas são quasi todas construidas no mesmo plano. Tem geralmente a fórma de um quadrilatero e são cercadas de altas muralhas, flanqueadas de torres a espaços, e vendo-se-lhes na base largos fossos, ora sêccos, ora cheios de agua.

Nos livros que fallam da China, diz-se que as ruas são largas e alinhadas; mas o que é certo é que são estreitas e tortuosas, principalmente nas provincias do sul. Encontram-se algumas excepções, mas são raras. As casas das cidades, como as dos campos, são baixas. As construcções do norte são sempre inferiores ás do sul, sobre tudo nas aldeias. Nas casas das pessoas abastadas, os aposentos das mulheres e os jardins ficam nas extremidades.

A magnificencia é quasi sempre excluida das construcções particulares; mas ás vezes observa-se nos edificios publicos. Em Pekim, os palacios das diversas corporações e dos principes são levantados sobre alicerces solidos, e cobrem-n'os telhas envernizadas.

Os monumentos mais notaveis da China são as pontes, as torres e os pagodes. As pontes são mui numerosas e vêem-se algumas de singular belleza; são de pedra, formadas de arcaria, e tem grande solidez e notavel extensão. Encontram-se na China templos mui antigos, mas não são construidos com a solidez necessaria para resistirem ás injurias do tempo e dos homens. Deixam-n'os por isso cair em ruinas e depois constroem outros. É um meio de alimentar as obras publicas no celeste imperio.

ARCHIPELAGO DE CABO VERDE

ILHA DE SANTO ANTÃO

(Vid. pag. 351)

É esta ilha a mais septentrional de todo o archipelago, e a segunda em grandeza depois da de S. Thiago. Está situada a 17° 13′ de latitude norte, e a 16° 10′ de longitude oeste de Lisboa. É muito mais comprida que larga, e corre do nordeste para sudoeste, em cuja direcção tem uns 40 kilometros, desde a foz da *ribeira do Paul*, que fica ao nordeste, até ao *porto do Carrafal*, ao sudoeste. Conta de largura, pelo meio da ilha, onde aquella é maior, uns 20 kilometros desde a *ribeira da Garça*, ao norte, até ao *porto dos Carvoeiros*, ao sul. A sua superficie é calculada em 240 milhas quadradas.

Está separada da *ilha de S. Vicente* por um canal de 8 milhas de largura.

É bastantemente montuosa a ilha de Santo Antão. Elevadissimas rochas basalticas a defendem das furias do Oceano, e no interior ainda se erguem muito acima d'estas as cumiadas de várias montanhas. O pinaculo, chamado *Tope da Coroa*, e tambem *Pão de Assucar*, é a maior altura da ilha. Eleva-se acima do nivel do mar 2:640 metros. Seguem-se a este os cumes da *Corda* e da *Caldeira*, com uma elevação de 1:650 a 1:980 metros. A altura média dos outros montes poderá calcular-se entre 600 e 700 metros. Dá-se áquelle cume o nome de *Caldeira* por existir ahi a cratera de um extincto volcão. Não era, porém, necessaria esta prova para se ter a certeza da origem volcanica da ilha. As rochas basalticas, pedaços de lava e outros indicios mais, attestam de per si aquella origem.

Tem tres portos esta ilha, mas nenhum bom, em razão da muita pedra, que torna maus os ancoradoiros, e dos perigos que offerecem em occasião de vendaval. São estes portos o da *Ponta do Sol*, ao norte: e os do *Carrafal* e dos *Carvoeiros*, cuja situação já indicámos. O primeiro é o peior de todos; entretanto, é o mais frequentado, por ser o mais proximo da villa capital, e achar-se n'elle, por esse motivo, a alfandega e varios armazens de deposito.

Alta e escarpada serrania de rocha negra, com a povoação da *Ponta do Sol* sentada nas suas faldas e espelhando-se no mar, fórma o fundo do porto. A tamanha altura sobe esta massa de rochas basalticas, que quasi sempre tem a crista escondida por espessos nevoeiros. N'essa gigantesca muralha vê-se de longe uma nodoa vermelha, com que a natureza parece querer dar signal aos navegantes para que acertem na procura da paragem mais propicia para um navio lançar ferro. Chamam os marinheiros a essa nodoa o *Chapeo*, pela sua fórma, mas serve-lhes tão utilmente de balisa, que assim que o timoneiro a avista põe n'ella a proa da embarcação, que d'esse modo vae surgir em um ancoradoiro com 8 braças de profundidade, em fundo de areia preta. Aqui fica o navio abrigado de certos ventos, mas muito exposto a outros, que fazem o logar perigoso, pois que tão perto se ergue, cortada a prumo, aquella penedia descommunal, que muitas vezes vem cair dentro das embarcações pedrinhas deslocadas e atiradas a baixo pelos pés das cabras, que saltam sobre aquelles alcantilados serros em busca das mimosas hervinhas, que a humidade dos nevoeiros faz germinar constantemente por entre as fendas das rochas.

Na base da montanha, por baixo do dito *Chapeo*, estende-se uma praia pequena, e que só muito de perto se descobre. É denominada *praia de Lisboa*. Ha ahi uma fonte, que rebenta d'entre rochedos, e onde as embarcações vão fazer aguada, ainda que com muito custo, pela difficuldade do desembarque, sendo preciso levar a nado as vasilhas das lanchas para a praia, e vice-versa.

O desembarcadoiro da alfandega e da povoação da *Ponta do Sol* é mau, e pessima a especie de barra, chamada *barreta*, que lhe dá accesso. A *barreta* é um canal entre recifes e a rocha alterosa, onde as lanchas que demandam terra são obrigadas a dar um salto, que é perigosissimo, se as não dirige mão experimentada. Porém são muitas as occasiões em que nem com essa condição é possivel alcançar-se terra. Não é preciso que haja temporal; basta que o mar esteja um pouco alterado para que os navios alli fundeados fiquem sem poder communicar com a ilha. Algumas vezes dura não poucos dias essa interrupção.

A aldeia da *Ponta do Sol* tem uns 250 moradores, com uma capella da invocação de *Nossa Senhora das Mercês*. Outr'ora communicava com a capital por um caminho horrivel, que atravessava aquelles escabrosissimos desfiladeiros de que fallámos a pag. 309, referindo como o patriotismo dos habitantes fez d'elles um logar memoravel nos fastos da ilha. Este caminho foi melhorado modernamente, devendo-se a continuação e conclusão dos seus reparos ao sr. Januario Corrêa de Almeida, então governador geral interino de Cabo Verde, e ao presente barão de S. Januario e governador civil do Porto.

O *porto dos Carvoeiros*, na costa do sueste, no canal que separa esta ilha da de *S. Vicente*, acha-se defronte do *Porto Grande*, o principal ancoradoiro d'esta ultima ilha, e o melhor porto de todo o archipelago, e tambem um dos melhores das nossas possessões ultramarinas, pois que tem quasi 5 kilometros de largura na entrada e mais de 2 de profundidade, com o *ilhéo dos Passaros* como balisa da barra.

Apesar de ter bastantes parceis, o *porto dos Carvoeiros* leva vantagem em segurança ao da *Ponta do Sol*, sem que, todavia, se possa chamar seguro. Frequentam-n'o quasi exclusivamente as embarcações que se empregam no commercio e no transporte de passageiros entre as duas referidas ilhas. Desemboca no mar, perto d'elle, a *ribeira da Janella*. Dista este porto da capital da ilha pouco mais de 11 kilometros; communicam-se, porém, por uma estrada que atravessa toda a ilha, e que foi obra do governador Joaquim Pereira Marinho.

O *porto do Tarrafal*, ao sudoeste, é de todos o mais abrigado, porque o defende uma alta montanha, que lhe fica sobranceira, dos ventos que mais levantam aquelles mares. Não obstante esta boa condição, e outra não menos favoravel aos navegantes, qual é a de vir ahi lançar-se no Oceano a *ribeira do Tarrafal*, que dá o nome ao porto, e que é abundante de excellente agua em todas as estações do anno, estava este porto até ha pouco tempo sempre ou quasi sempre deserto. Raros navios o demandavam pela muita distancia em que se achava da parte da ilha mais povoada, que é a do norte. O desenvolvimento moderno da agricultura fez o milagre de lhe dar animação. Começaram-se a fazer plantações de café nas ferteis veigas que bordam a *ribeira do Tarrafal*, e tão bem succedidas foram as primeiras tentativas, que essa cultura foi em progressivo augmento, attrahindo em breve ao visinho porto alguns navios que iam carregar para a Europa aquelle precioso genero. Tende a crescer este movimento maritimo porque tambem vae crescendo aquelle desenvolvimento agricola.

A dita ribeira, antes de entrar no mar, fórma na praia uma vistosa cascata, despenhando-se das fragas em um poço aberto no meio do areial, onde os maritimos vão fornecer-se de agua. A abundancia do manancial e a altura d'onde se precipita podiam dar um poderoso motor a qualquer estabelecimento fabril. E cremos que assim acontecerá, quando os progressos da civilisação tiverem posto em actividade os muitos

e variados elementos de prosperidade que a ilha de Santo Antão encerra em si.

Posto que sejam estes tres portos os unicos propriamente ditos que ha na ilha, apresenta esta um outro porto, embora muito peiór que aquelles, na costa de éste noroeste, em uma bahia chamada da *Synagoga*, na qual tem a sua foz a *ribeira do Paul*. Nas margens d'esta ribeira, que atravessa e rega um dos mais amenos e productivos valles da ilha, está edificada a *aldeia do Paul*, habitada por uns 800 moradores, pouco mais ou menos, e distante da villa capital obra de 12 kilometros. Os caminhos que communicam estas duas povoações eram muito maus, porém tambem se procedeu ao seu melhoramento na mesma epocha em que se concertou o da *Ponta do Sol*. Os terrenos cortados por aquella ribeira acham-se aproveitados e bem cultivados. Contém importantes plantações de café.

Era n'aquella aldeia, como dissemos em outro logar, que os condes de Santa Cruz tiveram a sua fabrica de anil. Junto da egreja parochial de *Santo Antonio das Pombas* ou *do Paul* lá se vêem ainda os tanques de pedra que serviram na dita fabrica, hoje arruinados, mas de facil reparação.

É capital da ilha a *villa da Ribeira Grande*, a que os condes de Santa Cruz, quando a fundaram, deram o nome d'este seu titulo. Está sentada em uma planicie no meio de elevadas montanhas, e na confluencia da *ribeira Grande* e da *ribeira da Torre*, de menos volume de aguas.

Cortando altas e inhospitas serras, ambas se lançam no mar, em uma enseada de tão pouco fundo e tão semeada de recifes, que não consente que a sulquem barcos, por mais pequenos que sejam.

A povoação é grande, pois que conta, juntamente com os dois arrabaldes que se estendem pelas encostas visinhas, de quatro a cinco mil habitantes. Vista de longe apresenta menos má perspectiva; porém, entrando-se n'ella, o seu aspecto é muito desagradavel. As ruas são tão estreitas e immundas, que mais parecem becos, e as casas, feitas de pedra e barro, umas cobertas com telhas de madeira importadas da America, outras com folhas a que chamam *soca*, são em geral mal construidas, e sem especie alguma de regularidade ou ordem, tanto na architectura como no alinhamento.

A egreja matriz é consagrada a *Nossa Senhora do Rosario e Santo Antão abbade*. Teve por fundador o bispo D. Fr. Pedro Jacinto Valente. Este prelado cingiu a mitra de Cabo Verde no anno de 1754. Uma desgraça, succedida no principio do seu governo, foi o que deu origem áquella fundação. Estando o bispo a celebrar o seu primeiro pontifical na sé da *cidade da Ribeira Grande*, na ilha de S. Thiago, quiz o acaso que, no momento de salvar a fortaleza para maior solemnidade da funcção religiosa, fosse cair o taco inflammado de uma das peças dentro do navio que transportára o bispo para aquella ilha. Por uma duplicada infelicidade ateou-se logo fogo no navio, havendo a bordo grande porção de polvora. Não se podendo apagar promptamente o incendio, foi o navio abandonado, picaram-lhe as amarras, e deixaram-n'o á mercê da corrente, que o levou para fóra do porto, onde em breve foi destruido pela explosão.

Aterrado o bispo com esta catastrophe, pois que a tomou por um mau agoiro da sua vinda áquella ilha, tratou logo de sair d'ella. E, com effeito, deixou-a para nunca mais alli voltar. D. Fr. Pedro Jacinto Valente passou á ilha de Santo Antão e fixou a sua residencia na villa capital. Possuido da idéa de transferir para alli a séde do seu bispado, deu principio á construcção do templo que destinava para cathedral, seguindo á risca a traça e proporções da sé da *cidade da Ribeira Grande*.

Viveu ainda bastante tempo este prelado para ver concluido o seu templo, pois que falleceu em 1774; mas a sua idéa de mudança da séde episcopal apenas teve uma realisação transitoria. Depois da sua morte, a egreja que fundára para a nova sé passou a ser simplesmente a matriz da capital da ilha de Santo Antão.

Limitam-se os edificios publicos ao *quartel da tropa de linha*, que é occupado por um destacamento do batalhão de artilheria de Cabo Verde, aquartelado na ilha de S. Thiago; e ao *presidio*, pequena fortaleza, onde tem o seu quartel um batalhão de infanteria de segunda linha. Aquelle destacamento, que faz a guarnição da ilha, compõe-se de uma bateria e quatro companhias de artilheria. Possue a villa uma eschola publica de instrucção primaria.

Com a população muito accumulada; com a falta que sente de policia e de limpeza; e, além d'isso, abafada por elevadas montanhas, que lhe impedem a circulação do ar, deixando-lhe tão sómente exposto ao vento o lado do mar, esta villa não tem as precisas condições de salubridade, não obstante ser o clima da ilha tão saudavel e benigno. Todavia, os seus dois arrabaldes, do *Tarrafal* e da *Penha de França*, gozam de melhores condições hygienicas, graças á sua situação nas faldas das visinhas montanhas, cortadas pelas duas ribeiras em cuja confluencia está edificada a villa, do que lhes resulta serem mais lavados de ares.

O segundo dos arrabaldes nomeados é o mais importante e tambem o mais bonito. Tem bastantes casas, e entre ellas algumas de campo de agradavel prospecto, pertencentes ás familias abastadas da villa. Em um ponto elevado, sobranceiro á casaria, está a *capella de Nossa Senhora da Penha de França*, d'onde o arrabalde tira o seu nome. Desfructa-se d'alli um bello e pittoresco panorama em dilatado horisonte.

Quasi contiguas ás casas da villa, nas duas extremidades, começam a estender-se hortas e diversas plantações pelas margens das referidas ribeiras. D'estas a mais consideravel é a *ribeira Grande*, tanto por ser mais longo o seu curso, como por trazer maior volume de aguas. E quando chuvas copiosas lhe engrossam a corrente, é temivel pela sua muita violencia, e não é raro causar graves prejuizos ás plantações que beneficia quando corre placidamente.

A ilha de Santo Antão formava com a de S. Vicente um só concelho; agora divide-se, ou vae dividir-se por uma nova reforma, em dois concelhos com cinco freguezias, cujos templos estão erectos nas cinco principaes povoações da mesma ilha, as quaes são, além da villa capital, as de *Coculim*, e das *Ribeiras do Paul*, da *Garça* e das *Patas*.

A população da ilha de Santo Antão tem tido notaveis alternativas de augmento e diminuição. Contando no principio d'este seculo pouco mais de 7:500 almas, cresceu progressivamente até ao numero de perto de 20:000, quando a fome de 1831 a 1833 a reduziu a menos de 14:000. Tendo quasi reparados estes prejuizos ao cabo de vinte annos, veiu a cholera morbus em 1856 dizimal-a de novo. Ao presente regula entre 15 e 16:000 habitantes, pela maior parte pretos e mulatos, sendo os primeiros libertos e escravos.

A principal occupação dos habitantes é a agricultura. Alguns empregam-se na pesca; outros no commercio, ou em a navegação para a ilha de S. Vicente, ou nas pequenas manufacturas, e tambem no fabrico de varios tecidos de algodão, com especialidade os chamados *pannos de agulha*, que outr'ora constituiam um soffrivel ramo de commercio para Guiné.

Resta-nos agora fallar da natureza do solo, das producções que cria espontaneamente, e d'aquellas que a cultura alli introduziu, e, em fim, das riquezas mineralogicas que encerra.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.